

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

ALESSANDRA ALVES BATISTA
CRISTINA EURICO DE S. SANTOS
ROSÂNGELA VICENTE DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NA INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA**

Brasília
2006

ALESSANDRA ALVES BATISTA
CRISTINA EURICO DE S. SANTOS
ROSÂNGELA VICENTE DA SILVA

CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB
como parte das exigências para
conclusão do Curso de Pedagogia –
Formação de Professores para as
Séries Iniciais do Ensino Fundamental –
Projeto Professor Nota 10.
Orientadora: Professora Doutora Maria
Eleusa Montenegro

Brasília
2006

Aos meus pais, a razão constante do meu esforço e trabalho. E a José Carlos, marido e companheiro nesta caminhada. (Cristina Eurico)

Dedico esse trabalho a meu marido Djalma e as minhas filhas, Bárbara e Gabriella que tão pacientemente me apoiaram e incentivaram a concluir mais essa feliz etapa de minha vida. (Rosângela)

Aos meus filhos, familiares e amigos que sempre estão ao meu lado, dando - me força e coragem para percorrer meu caminho. (Alessandra)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade da vida; a minha família, aos meus amigos e professores que muito contribuem para o sucesso desta nova etapa de minha vida. (Alessandra)

Agradeço a todos que contribuíram para o sucesso desta longa jornada. (Cristina)

Agradeço muitíssimo as minhas duas amigas e companheiras de grupo Alessandra e Cristina pela vontade e responsabilidade com que realizaram esse trabalho ao meu lado; vocês se mostraram excelentes amigas. Agradeço também aos professores que comigo conviveram durante o curso de Pedagogia, em especial a minha orientadora, Maria Eleusa. A contribuição de vocês foi essencial para a realização desse trabalho. (Rosângela)

“Somos pessoas completas: com afeto, cognição e movimento, e nos relacionamos com um aluno, também pessoa completa, integral, com afeto, cognição e movimento.”

(Almeida, L.R.)

RESUMO

Muito se fala acerca da importância da afetividade na relação professor-aluno. Porém, existem lacunas a serem preenchidas para a real efetivação dessa relação afetiva em nossas salas de aula. Como pode o professor vincular a afetividade a sua prática cotidiana? Que atividades beneficiam essa prática afetiva? Como articular concepções teóricas sobre afetividade às práticas pedagógicas, ao dia-a-dia em sala de aula? A presente pesquisa norteou-se na busca de respostas a essas questões. Teve como principal objetivo possibilitar um maior conhecimento sobre a relação entre a afetividade e a prática pedagógica, de modo a fornecer aos docentes contribuições de apoio à sua prática pedagógica. A metodologia utilizada foi à pesquisa qualitativa. O instrumento aplicado para levantamento de dados foi à entrevista semi-estruturada, pois melhor se adequou às necessidades do trabalho, tendo como participantes quatro psicopedagogas que atuam na área de educação, no Distrito Federal. As categorias selecionadas para organização, análise e discussão dos dados foram as seguintes: O desenvolvimento da afetividade em sala de aula – atividades práticas; Estabelecendo relações afetivas com o chamado “aluno problema”; Contribuições da psicopedagogia nas relações em sala de aula; Estreitando e melhorando laços afetivos; Outras considerações. Os principais resultados da pesquisa foram que: é importante que os professores estabeleçam vínculos afetivos com seus alunos e também se destaca o valor de se trabalhar com atividades atrativas que despertem o interesse dos alunos, como, jogos, músicas, teatro, novelas; é necessário que o aluno confie no professor, sinta-se respeitado e apreciado. O trabalho com a auto-estima dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem também é uma importante contribuição; detectou-se a existência do medo e da insegurança, de alguns professores quando precisam buscar ajuda de profissionais como psicopedagogos; percebeu-se que ensinar é mais do que simplesmente transmitir informações. Precisa haver interações entre a docência e a discência, e o diálogo; para se formar cidadãos completos, saudáveis é necessário conhecer o que envolve o aluno e o seu desenvolvimento. Entre as diversas contribuições trazidas por essa pesquisa, destaca-se a necessidade dos docentes ampliarem seus horizontes e compreenderem seus alunos como pessoas, com necessidades e interesses diversos. O papel do docente vai além de transmitir informações; precisa haver uma interação entre os componentes do processo ensino-aprendizagem. A relação afetiva entre professor e aluno exerce papel fundamental, tanto para o desenvolvimento cognitivo como emocional de ambos.

Palavras-chaves:

Afetividade e Educação. Emoção. Sentimentos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
1.1	JUSTIFICATIVA	08
1.2	DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	10
1.3	OBJETIVOS	10
1.3.1	Objetivo Geral	10
1.3.2	Objetivos Específicos	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1	CONCEITO DE AFETIVIDADE	12
2.2	RELAÇÃO DA AFETIVIDADE COM OUTROS ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO	14
2.3	A AFETIVIDADE E A EDUCAÇÃO	16
2.4	A AFETIVIDADE E INTELIGÊNCIA	19
2.5	CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A AFETIVIDADE	22
3	METODOLOGIA	24
3.1	ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	24
3.2	PARTICIPANTES DA PESQUISA	24
3.3	ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA	25
3.4	INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS	25
3.5	CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	26
3.5.1	Especificação das categorias escolhidas	26
3.5.2	Organização dos dados, análise e discussão	27
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	42
	APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PSICOPEDAGOGOS	45

1 INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA

Pesquisadores discutem a necessidade, por parte da escola, de compreender o aluno em sua totalidade. Se a responsabilidade dos educadores é contribuir para formação da personalidade do estudante, não há como atentar apenas para a construção do conhecimento. Simultaneamente, é imprescindível compreender como ocorre o desenvolvimento da afetividade infantil.

Embora na psicologia conceitos como afetividade, emoção e sentimento sejam distintos, tal percepção muitas vezes não ocorre entre os professores. O professor deve ter clareza sobre o que é emoção, como funciona, para poder administrá-la em si e no outro, especialmente em seu aluno. É um grande desafio, uma vez que os progressos da inteligência, responsabilidade do professor, dependem, em grande parte, do desenvolvimento da afetividade. Ao tratar da dimensão afetiva, Dèr (apud MAHONEY, 2004, p. 75) destaca a importância do professor compreender o que é afetividade e quais as facetas em que se apresenta no aluno, afirmando que “conhecer a trajetória da afetividade do aluno permite ao professor adequar seu ensino às necessidades afetivas de seus alunos nos diferentes estágios de desenvolvimento”.

A ausência de uma educação que aborde a emoção na sala de aula traz prejuízos para a ação pedagógica, pois suas conseqüências atingem não só o professor, mas também o aluno. Possibilitar relações afetivas é uma função pedagógica, estando nos limites do que seria papel do professor. Sendo assim, os professores necessitam aprender sobre o funcionamento das emoções, estudar sua natureza fisiológica e social, isto é, compreender seu mecanismo de ação para poder assumir seu controle.

Neste sentido, a compreensão da reciprocidade entre afetividade e inteligência é a mola propulsora para uma discussão proveitosa acerca das relações afetivas na sala de aula.

Em geral, os professores demonstram ter dificuldades em lidar com as situações emotivas em sala de aula, o que é compreensível pela própria

natureza da emoção. Desenvolver a habilidade emocional significa saber resolver todos os problemas do seu cotidiano com amor, equilíbrio e serenidade.

Sem conhecer a contribuição da afetividade no trabalho pedagógico o professor não estará plenamente apto para compreender e ajudar seu aluno a desenvolver seu intelecto. Não compete dentro da pedagogia atual a visão de homem, aluno, fragmentado, onde só se trabalha a inteligência. As faculdades do homem têm de ser desenvolvidas de tal forma que nenhuma delas predomine sobre as outras.

A afetividade de que trata este trabalho, não deve ser confundida com querer que professor apenas “beije, abrace, ou coloque um aluno no colo”, mas antes, o que se propõem é o entendimento de afetividade onde o professor considere o momento emocional do seu aluno, onde ele investigue esse momento e quais as possíveis barreiras à aprendizagem.

Buscar valer-se de momentos em que o aluno esteja emocionalmente bem e fazer intervenções pedagógicas nos momentos em que não esteja tão bem, levando-se em conta a dimensão afetiva como parte essencial da aprendizagem, tornar-se elemento chave para a realização do trabalho do professor e também do aluno, segundo a proposta aqui estabelecida. Sem dúvida, a possibilidade de sucesso torna-se muito maior quando se faz algo de que se gosta, ou com que se está envolvido emocionalmente. Precisa haver envolvimento emocional por parte do professor e do aluno para que a escola esteja de fato cumprindo o seu papel de formar cidadãos completos, capazes de lidar com as situações cotidianas com autonomia e segurança.

Embora muito se fale a respeito da importância da afetividade em sala de aula, percebe-se que faltam ao professor instrumentos de ajuda para desenvolver seu trabalho pedagógico, onde a dimensão afetiva não seja considerada de menor importância ou se torne um “tormento, fardo” para o professor. É comum ouvir professores dizendo que “o que aluno precisa mesmo, é ler e escrever isso basta” ou ainda “nada do que faço funciona com esse menino, ele está me enlouquecendo não tem mais jeito”. Fazendo uma analogia pode-se dizer que já se conhece a “doença” o que se precisa agora, é encontrar o “remédio” ou ao menos, tratamentos alternativos, que possam levar a cura ou alívio desse “mal”. Este trabalho foi motivado, movido por esse “desejo de cura”,

pela busca de melhores possibilidades de ação docente respaldadas por contribuições de profissionais capacitados na área de psicopedagogia, além de uma fundamentação teórica para iluminar essa prática. Oferecer um norte ou caminho para o trabalho com afetividade em sala de aula é o que pretende o trabalho intitulado: Contribuições da Afetividade na Intervenção Pedagógica.

1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Este tema foi escolhido porque se acredita que o desenvolvimento da afetividade, desde que bem conduzida, poderá levar a inúmeros benefícios para o trabalho pedagógico e, conseqüentemente, o trabalho com o aluno realizar-se-á de forma completa, cabal. Além disso, possibilitará ao aluno tornar-se um indivíduo mais saudável psiquicamente.

Neste sentido, este trabalho pretendeu responder as seguintes questões:

- ✓ Que contribuições poderão auxiliar o professor no trabalho com afetividade em sua sala de aula?
- ✓ Quais os apoios teóricos que os professores podem valer-se para melhor compreensão acerca da afetividade no trabalho pedagógico?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

- ✓ Conhecer com mais profundidade a relação entre a afetividade e a prática pedagógica de modo a fornecer contribuições ao professor.

1.3.2 Objetivos específicos

- ✓ Compreender o desenvolvimento da afetividade no processo ensino-aprendizagem;

- ✓ Indicar possíveis atividades que contribuam para o trabalho com afetividade no dia-a-dia em sala de aula;
- ✓ Contribuir com elementos que possam auxiliar a ação pedagógica no estabelecimento das relações afetivas com alunos;
- ✓ Estabelecer parâmetros que possam auxiliar o professor no reconhecimento das dificuldades no trato com a afetividade em sala de aula;
- ✓ Favorecer a construção da afetividade no espaço escolar.

2 APROFUNDAMENTO TEÓRICO

2.1 CONCEITO DE AFETIVIDADE

Ao definir afetividade, o primeiro conceito a ser apresentado deve ser o etimológico. Segundo Codo (1999, p. 58), a palavra afeto:

Vem do latim *affectu* (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade, conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza [...].

Segundo a caracterização do Dicionário Aurélio (1994, p. 20), no verbete afetividade consta “Psicol. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor, insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza”.

Na concepção de Wallon (apud ALMEIDA, 1999), a afetividade tem papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade e este, por sua vez, se constitui sob a alternância de instintos funcionais. Na opinião do autor, a afetividade é um domínio funcional, uma das etapas que a criança percorre, a primeira de todas elas. Ele assinala que o nascimento da afetividade é anterior à inteligência.

Para Wallon (1998, p. 35), a emoção é responsável pela comunicação expressiva, feita de gestos, mímicas e atitudes. Continuando, este autor afirma que “com efeito, as manifestações afetivas ou emotivas têm um poder aparentemente tão essencial que seus efeitos incluem-se entre os primeiros sinais de vida psíquica observáveis no lactante [...]”.

Outro conceito de afetividade que merece destaque é o que apresenta Der (apud MAHONEY, 2004, p. 61) ao afirmar que:

A afetividade é o conjunto funcional amplo que, além de envolver um componente orgânico, corporal, motor e plástico, que é a emoção apresenta também um componente cognitivo, representacional, que são os sentimentos e a paixão. O primeiro componente a se diferenciar é a emoção, que assume o comando do desenvolvimento logo nos primeiros meses de vida; posteriormente, diferenciam-se os sentimentos e, logo a seguir a paixão. A afetividade é o conjunto funcional que responde pelos estados de bem-estar e mal-estar quando o homem é

atingido e afeta o mundo que o rodeia. Ela se origina nas sensibilidades orgânicas e primitivas[...]

Wallon (1998, p. 143) nos diz que compete a emoção unir os indivíduos entre si através das suas reações mais orgânicas e mais íntimas; as emoções são exteriorização da afetividade.

A emoção é definida assim pelo Dicionário Aurélio: “Psicol. Reação intensa e breve do organismo a um lance inesperado, a qual acompanha dum estado afetivo de conotação penosa ou agradável”. Saltini (1997, p. 91) nos acrescenta que os estados afetivos fundamentais são as emoções, os sentimentos, as inclinações e as paixões. A palavra emoção, segundo este autor, vem do latim *movere*, mover-se para fora, externalizar-se. É a intensidade máxima do afeto.

Corroborando com estes aspectos, Taille, Oliveira e Dantas (1992, p. 74) afirma que “a emoção estabelece, pois as bases da inteligência: se identifica com seu desenvolvimento próximo, a afetividade, surge como condição para toda e qualquer intervenção [...]”.

Ainda sobre a afetividade, Leite (1999, p. 103) declara que “os afetos fazem parte integrante da espécie humana. Nascemos com eles: como decorrência, não são idiossincráticos (exceto em casos patológicos). Tanto as emoções como os sentimentos suscitam o afeto”.

Segundo Almeida (1999), enquanto não aparece a palavra, é o movimento que traduz a vida psíquica, garantindo a relação da criança com o meio. As descargas motoras e, um pouco mais tarde, os gestos do lactante são carregadas de significados afetivos que, nesse período, nada mais são que expressão das necessidades alimentares e do humor. A afetividade manifesta-se primitivamente no comportamento, nos gestos primitivos da criança.

Na concepção walloniana, a afetividade é o ponto de partida do desenvolvimento do indivíduo e sua evolução parte de uma sociabilidade primitiva para uma individualização psicológica. Assim, a vida afetiva da criança se organiza em contatos com o outro; observa que são as emoções, especificamente, que unem a criança ao meio social; são elas que ampliam os laços que se antecipam à intenção e ao raciocínio. Sobre tais aspectos, Wallon

(1998, p.19) enfatiza que “a emoção tem um caráter social, que lhe é peculiar, pela função de apelo ao outro [...]”.

2.2 RELAÇÃO DA AFETIVIDADE COM OUTROS ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO

Quando se busca um conhecimento mais aprofundado acerca das contribuições da afetividade no processo ensino-aprendizagem, percebe-se a preocupação com a percepção de pessoa completa, global. A relação existente entre afetividade e os demais aspectos do desenvolvimento é o que possibilita essa formação global da pessoa. Wallon (1968), em sua obra *A evolução psicológica da criança*, afirma que a separação em grandes conjuntos funcionais (afetivo, cognitivo, motor) se dá devido à necessidade de descrição, e funciona como um artifício. Reiterando a afirmação de Wallon, Prandini (apud MAHONEY 2004, p. 30) argumenta que “a divisão das funções pelos domínios ato motor, afetividade e conhecimento satisfaz a uma necessidade de analisar, fragmentar, para compreender”.

O referido autor (2004, p. 33) destaca ainda que:

[...] as funções classificadas no domínio da afetividade (emoções, sentimentos e paixão) têm sua gênese nos estados de bem e mal-estar orgânicos dos recém-nascidos, ou seja, nas funções do ato motor. É com base nestes estados orgânicos de bem e mal-estar que se desenvolvem as emoções. As emoções, consideradas base da afetividade, são processos orgânicos que motivam atividades do organismo [...].

Fortalecendo a idéia transmitida anteriormente sobre o estreito vínculo existente entre os diversos aspectos do desenvolvimento, é merecedora de destaque a seguinte afirmativa:

É no entrelaçamento com o motor e o cognitivo que o afetivo propicia a constituição de valores, vontades, interesses, necessidades, motivações que dirigirão escolhas, decisões ao longo da vida. O afetivo é, portanto, indispensável para energizar e dar direção ao ato motor e ao cognitivo. Assim como o ato motor é indispensável para expressão do afeto, o cognitivo é indispensável na avaliação das situações que estimularão emoções e sentimentos. (MAHONEY, 2004, p 18).

Outro autor a discorrer a cerca desse tema foi Jean Piaget (2001). Ele advertiu sobre o fato de que, apesar de diferentes em sua natureza, a afetividade e a cognição são inseparáveis, indissociadas em todas as ações simbólicas e sensório-motoras. Ele postulou que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma energética, que é a afetividade. De acordo com Piaget, não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. Quando discute os papéis da assimilação e da acomodação cognitiva, afirma que:

esses processos da adaptação também possuem um lado afetivo: na assimilação, o aspecto afetivo é o *interesse* em assimilar o objeto ao *self* (o aspecto cognitivo é a compreensão); enquanto na acomodação a afetividade está presente no *interesse pelo objeto novo* (o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno). (PIAGET, 2001, p. 72)

Nessa perspectiva, o papel da afetividade para Piaget é funcional na inteligência. Ela é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento. Ele explica esse processo por meio de uma metáfora, afirmando que “a afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro mas não modifica sua estrutura” (2001, p. 5). Assim como Piaget, Wallon (1998, p. 33) mostra, em seus escritos, compartilhar da idéia de que emoção e razão estão, intrinsecamente, conectadas, ao afirmar que:

A comoção do medo ou da cólera diminui quando o sujeito se esforça para definir-lhe as causas. Um sofrimento físico, que procuramos traduzir em imagens, perde algo de sua agudez orgânica. O sofrimento moral, que conseguimos relatar a nós mesmos, cessa de ser lancinante e intolerável. Fazer um poema ou um romance de sua dor era, para Goethe, um meio de furtar-se à ela.

Na perspectiva genética de Wallon, inteligência e afetividade estão integradas: a evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, assim como a evolução da inteligência depende das construções afetivas. No entanto, o autor admite que, ao longo do desenvolvimento humano, existem fases em que predominam o afetivo e fases em que predominam a inteligência.

Nessa perspectiva, a afetividade está sempre presente na relação pedagógica. Amaral (apud MAHONEY, 2004, p. 92) afirma que:

[...] a criança é afetada – e afeta o outro – de maneira positiva ou negativa pela simples razão de estar em grupo. Assim, uma educação que tenha em vista uma pessoa completa precisa levar em conta as vivências afetivas possibilitadas pelo grupo e aquelas trazidas pela experiências de outros grupos, fora da escola [...].

As experiências afetivas dos alunos, segundo a autora, podem ser incluídas como conteúdo de reflexão, que podem ser reelaborados na dimensão cognitiva, de forma que a criança possa ir alcançando a compreensão de que sua experiência é única, individual, e também a de outros seres humanos.

2.3 A AFETIVIDADE E A EDUCAÇÃO

Algo importante ao se pensar em prática pedagógica é o entendimento acerca das relações existentes entre a afetividade e educação. Conhecer a dialética que se estabelece entre estes, possibilitará o êxito ou a falta do mesmo, nas ações dos docentes, conforme menciona Codo (1999, p. 50):

[...] Se esta relação afetiva com os alunos não se estabelece, se os movimentos são bruscos e os passos fora do ritmo, é ilusório querer acreditar que o sucesso do educar será completo. Se os alunos não se envolvem, poderá até ocorrer algum tipo de fixação de conteúdos, mas certamente não ocorrerá nenhum tipo de aprendizagem significativa; nada que contribua para a formação destes no sentido de preparação para a vida futura, deixando o processo ensino-aprendizagem com sérias lacunas.

Além disso, quando se fala em educação, é imediato se pensar nas relações entre professor e aluno, nos vínculos afetivos que se estabelecem. Para Libâneo, a atitude do professor deve abranger afetividade, respeito e seriedade, conforme pode-se ler a seguir:

Os aspectos sócio-emocionais se referem aos vínculos afetivos entre professor e alunos, como também as normas e exigências objetivas que regem a conduta dos alunos na sala (disciplina). Não estamos falando a afetividade do professor para com determinados alunos, nem de amor

pelas crianças. A relação maternal ou paternal deve ser evitada, porque a escola não é um lar. Os alunos não são nossos sobrinhos e muito menos filhos. Na sala de aula o professor se relaciona com o grupo de alunos. Ainda que o professor necessite atender um aluno em especial ou que os alunos trabalhem individualmente, a interação deve estar voltada para a atividade de todos os alunos em torno dos objetivos e do conteúdo da aula.

Nesse sentido, o professor precisa aprender a combinar severidade e respeito. (LIBÂNEO, 1992, p. 251).

Para Codo (1999, p. 50), o trabalho de educar tem tudo para ser melhor e, ao mesmo tempo, é um tipo de trabalho dos mais delicados em termos psicológicos. Tem tudo para ser o melhor, porque não há fragmentação no trabalho do professor; é ele quem, em última instância, controla seu processo produtivo em sala de aula, embora tenha que cumprir um programa que possua ampla liberdade de ação para criar; definir ritmos, definir a seqüência das atividades a serem realizadas. Além disso, e o que é mais importante, o professor é dono de seu processo produtivo, participando do início ao final, de seu processo de ensino.

Quanto aos aspectos afetivos, Codo (1999, p. 51) nos diz que:

[...] Todo trabalho envolve algum investimento afetivo por parte do trabalhador, quer seja na relação estabelecida com outros, quer mesmo na relação estabelecida com o produto do trabalho. Mas, o caso do professor é diferente, a relação afetiva é obrigatória para o próprio exercício do trabalho, é um pré-requisito. Para que o trabalho seja efetivo, ou seja, que atinja seus objetivos, a relação afetiva necessariamente tem que ser estabelecida.

Em geral, os professores demonstram ter dificuldades em lidar com as situações emotivas em sala de aula, o que é compreensível pela própria natureza da emoção. Desenvolver a habilidade emocional significa saber resolver todos os problemas do cotidiano com amor, equilíbrio e serenidade (ALMEIDA, 1999, p. 91).

Com relação aos objetivos do trabalho que o professor propõe-se a realizar, Codo (1999, p. 50) afirma que quando o professor se dispõe a ensinar e os alunos se dispõem a aprender, uma corrente de elo de afetividade vai se formando, propiciando uma troca entre os dois. Motivação, cooperação, boa vontade, cumprimento das obrigações deixam de ser tarefas árduas para os alunos. Interesse, criatividade, disposição para exaustivamente sanar dúvidas,

estimulam o professor. Em outras palavras, o papel do professor acaba estabelecendo um jogo de sedução, onde ele vai conquistar a atenção e despertar o interesse do aluno para o conhecimento que ele está querendo abordar. Este autor finaliza esta citação dizendo que:

[...] esta sedução, esta conquista, envolve um enorme investimento de energia afetiva, canalizada para a relação estabelecida entre o aluno e o professor. É nesta dança, entre o sedutor e seduzido, na sincronia dos passos, na harmonia dos movimentos, que o professor transfere seus conteúdos e o aluno fixa o conhecimento. É mediante o estabelecimento de vínculos afetivos que ocorre o processo ensino-aprendizagem.

É com atividades específicas que os educandos se apropriarão do conhecimento sistematizado. Segundo Piaget (1983, p. 96), “se o papel da escola é o de promover a construção de determinados conhecimentos, é preciso que ela propicie interações onde os alunos participem ativamente de atividades específicas”. Pode-se dizer que a escola é mais do que o lugar de transmissão dos conhecimentos sistematizados de uma geração à outra: ela é o lugar onde se criam novos conhecimentos e onde se cria uma cultura. Sobre isto, Freire (1999, p. 161) afirma que:

A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético do meu dever de professor no exercício de minha autoridade. E mais, a prática educativa é: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.

Atualmente, com tantas inovações que se quer implantar nas escolas, não cabe mais na educação o papel de um professor dominador, autoritário e alheio aos sentimentos e emoções. O que se quer e precisa é de um professor reflexivo e crítico que se compreenda as necessidades dos alunos. Sendo assim, a escola se torna um espaço emancipatório e de aprendizagens significativas. Para Morales (1999, p. 13):

Somos profissionais do ensino, nossa tarefa é ajudar em seu aprendizado; buscamos o seu êxito e não o seu fracasso, e a qualidade de nossa relação com os alunos pode ser determinante para conseguir nosso objetivo profissional.

Segundo Veiga e Weiduschat (2004) uma relação afetiva com os seus alunos evidentemente não implica em diminuir a autonomia docente em sala de aula. Pelo contrário, a ênfase na emoção e na afetividade humana imprime ao professor a essência humanizadora do seu próprio ser. Quando o professor interage com os alunos de maneira afetiva, a aprendizagem se torna intencionalmente significativa.

Corroborando com a autora, Morales (1999, p. 25) afirma que:

Uma influência específica vem da relação do professor com os alunos. Além disso, quer se pretenda conscientemente quer não, os métodos utilizados na sala de aula, os exercícios, as práticas, etc. Podem influenciar notavelmente não só no aprendizado dos conteúdos ou habilidades dos alunos, mas também em suas atitudes, com relação à matéria, ao estudo e ao trabalho, assim como a respeito de si mesmo.

Vale destacar aqui as palavras do cientista político Armando Moreira (apud MOREIRA, 2002), quando diz que a afetividade deve prevalecer nas relações humanas de modo geral e na escola em particular.

2.4 A AFETIVIDADE E INTELIGÊNCIA

O olhar do professor para o seu aluno é indispensável para a construção e sucesso da sua aprendizagem. Isto inclui dar credibilidade às opiniões, valorizar sugestões, observar, acompanhar seu desenvolvimento e demonstrar acessibilidade, disponibilizando mútuas conversas. Segundo Almeida (1999, p.25), “as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto esta presente”.

De acordo com Saltini (1997, p.52), ao abordar sobre a inteligência e a aprendizagem:

[...] precisamos nos referir também, e sempre, à emoção, às ligações e inter-relações afetivas. Seria impossível entender o desenvolvimento da inteligência sem um desenvolvimento integrado e convergente cada vez maior de nossos interesses e amores por aquilo que olhamos, tocamos e que nos alimenta a curiosidade.

Para Jean Piaget (apud TAILLE, OLIVEIRA e DANTAS, 1992), é irrefutável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. De acordo com o autor, sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca surgiriam e não haveria inteligência. A afetividade é atribuída como uma condição inevitável na construção da inteligência mas, também, não é suficiente.

Piaget (apud TAILLE, OLIVEIRA e DANTAS, 1992) dedicou-se ao estudo do desenvolvimento cognitivo, especificamente, à gênese da inteligência e da lógica. Como efeito dos seus estudos, concluiu sobre a existência de quatro estágios ou fases do desenvolvimento da inteligência. Em cada estágio há características privativas com as quais a criança constrói o seu conhecimento:

- sensório motor 0 – 2 anos: trabalho mental: estabelecer relações e as modificações que elas provocam no ambiente físico; exercício dos reflexos; manipulação do mundo por meio da ação. Ao final constância/permanência do objeto.
- pré-operatório 2 – 6 anos: desenvolvimento da capacidade simbólica; explosão lingüística; características do pensamento (egocentrismo, intuição, variância); pensamento dependente das funções externas.
- operatório-concreto 7 – 11anos: capacidade de ação interna: operação. Características da operação: reversibilidade/invariância – conservação (quantidade, constância, peso, volume); descentração / capacidade de seriação / capacidade de classificação.
- operacional-formal 11 anos... A operação se realiza através da linguagem (conceitos). O raciocínio é hipotético-dedutivo (levantamento de hipóteses; realização de deduções). Essa capacidade de sair-se bem com as palavras e essa independência em relação ao recurso concreto permite: ganho de tempo; aprofundamento do conhecimento; domínio da ciência da filosofia (apud TAILLE, OLIVEIRA e Dantas, 1992, p. 32).

Diante desta perspectiva, as relações entre afetividade e inteligência podem ser vistas de duas maneiras diferentes, segundo análise de Dantas, Oliveira e Taille (1992, p.33):

O apogeu da inteligência é a formação progressiva das estruturas operacionais e pré-operacionais. Analisando a duplicidade desta relação inteligência e afeto, podemos requerer que o afeto faz ou pode causar a formação de estruturas cognitivas. Desta forma, compreendemos as relações afetivas da criança com o objeto ou pessoa envolta. Por conseguinte, as relações afetivas da criança com o objeto-mãe, ou ainda outras pessoas, respondem pela formação das estruturas cognitivas.

Paralelamente ao desenvolvimento cognitivo, está o desenvolvimento afetivo. Segundo Wadsworth (1997), o afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral.

“Embora pensemos o afeto como sendo diferente da cognição, no funcionamento intelectual eles formam uma unidade. Eles são dois lados de uma mesma moeda”, fala Cowan (apud WADSWORTH, 1997, p.37).

Todo o comportamento tem ambos os elementos: o afetivo e o cognitivo. Piaget (apud WADSWORTH, 1997 p.37) afirma que:

É impossível encontrar um comportamento oriundo apenas da afetividade, sem nenhum elemento cognitivo. É, igualmente, impossível encontrar um comportamento composto só de elementos cognitivos... embora os fatores afetivos e cognitivos sejam indissociáveis num dado comportamento, eles parecem ser diferentes quanto a natureza... É óbvio que os fatores afetivos estão envolvidos mesmo nas formas mais abstratas da inteligência.

“O aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual”, é o que afirma Wadsworth (1997, p.37). Para o autor, ele pode acelerar ou diminuir o ritmo do desenvolvimento. Ele determina sobre que tipo de conteúdos a atividade intelectual se concentrará. O sistema afetivo é assim dizendo o “guarda-portão”.

O estudioso Vygotsky (apud TAILLE, OLIVIERA e DANTAS, 1992, p.11) considerou e propôs a construção de uma nova psicologia, fundamentada no materialismo histórico e dialético. Aprofundou seus estudos sobre o funcionamento dos aspectos cognitivos, mais precisamente as funções mentais e a consciência. O autor usa o termo função mental para referir-se a processos como: pensamento, memória, percepção e atenção, mas a organização dinâmica da consciência aplica-se ao afeto e ao intelecto.

Vygotsky (apud TAILLE, OLIVEIRA e DANTAS, 1992, p.76) enfoca que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, afeto e emoção. Ele afirma que:

[...] a compreensão do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva. A separação do intelecto e do afeto, enquanto objetos de estudo, é uma das principais deficiências da psicologia tradicional, uma vez que esta apresenta o processo de pensamento como fluxo autônomo de “pensamentos que pensam a si

próprios”, dissociado da plenitude da vida, das necessidades e dos interesses pessoais, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa.

Conforme Taille, Oliveira e Dantas (1992, p.76), apesar de a questão da afetividade não receber aprofundamento em sua teoria, Vygotsky evidencia a necessidade das conexões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico humano.

2.5 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A AFETIVIDADE

Piaget (1983, p. 24) atesta a ligação entre os aspectos afetivos e motor ao mencionar o que ele denomina “ação e sentimento”.

[...] toda ação revela um sentimento: o interesse corresponde à ligação do sujeito ao objeto, por meio de suas ações. Só tem sentido a realização de uma ação se houver uma falta, um desejo, cuja satisfação é perseguida. Na ausência de valor, força ou desejo, deixa de ter sentido a realização da ação.

Para o autor, os aspectos afetivos e cognitivos da ação são “indissociáveis, irreduzíveis e complementares”, consistindo, o primeiro a energética, o motor da ação e, o segundo, a sua estruturação. Ou seja, a ação, quer física ou mental, para alcançar um objetivo, necessita de instrumentos fornecidos pela inteligência, revelando um poder. Por outro lado, é preciso o desejo, isto é, algo que mobilizará o sujeito para agir em direção ao objetivo, revelando um querer, o qual se encontra circunscrito na afetividade. Não basta “poder” realizar uma ação, é preciso antes “querer” realizá-la.

Concordando com as afirmações de Piaget, Brenelli (2000, p. 107) assevera que:

[...] a estrutura, a qual caracteriza o “poder” de realizar algo, se refere à inteligência, às diferentes formas que o sujeito organiza e utiliza suas ações ou operações, para interagir com objetos, outras pessoas e consigo mesmo. [...] a afetividade corresponde aos sentimentos, às emoções, aos desejos e aos valores, os quais sustentam as ações.

Na psicogenética de Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa, quanto do conhecimento (TAILLE, OLIVEIRA e DANTAS, 1992, p. 85). Para esse pensador, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que o professor deve aprender a lidar com o estado emotivo da criança para melhor poder estimular seu crescimento individual.

Num apropriado comentário de Veiga e Weiduschat (2004, p. 22) sobre a afetividade, lemos que:

O afeto faz parte do processo de aprender e do desenvolvimento humano; por isso, não há aprendizagem sem afetividade. Enfim, acredita-se que o conhecimento dos sentimentos e das emoções requer ações cognitivas, da mesma forma que tais ações cognitivas pressupõem a presença de aspectos afetivos.

Ainda segundo as autoras, é nessa inter-relação que o ser humano se concebe e se sente como essencialmente humano, motivando-se para a vida.

3 METODOLOGIA

3.1 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Este trabalho foi baseado na pesquisa qualitativa. Este tipo de pesquisa, segundo Bogdan e Biklen (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 13):

Envolve a obtenção de dados descritivos obtidos, no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Segundo essas mesmas autoras, cinco são as características que configuram a pesquisa qualitativa:

- A pesquisa qualitativa tem o seu ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Sendo assim, a pesquisa qualitativa coloca o pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada.
- Os dados coletados são predominante descritivos. – O material obtido é rico em descrições de pessoas e situações.
- A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador em estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades desenvolvidas. O significado que as pessoas dão as coisas e à vida são focos de atenção especial do pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar as perspectivas dos participantes.
- A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início do processo.

A preocupação das pesquisadoras era conhecer com mais profundidade a opinião dos entrevistados sobre o tema em questão “Contribuições da afetividade na intervenção pedagógica”. Nesse sentido, tornou-se perceptível que a pesquisa qualitativa satisfaz as necessidades estabelecidas pelas mesmas.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os sujeitos dessa pesquisa foram quatro psicopedagogos que atuam em diferentes regiões administrativas do Distrito Federal, Gama, Paranoá e Planaltina.

3.3 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

A presente pesquisa foi desenvolvida em diferentes etapas, conforme descrito:

1ª fase – Consistiu na escolha do tema e na pesquisa bibliográfica em livros e periódicos, sendo possível iniciar um posicionamento em relação aos princípios teóricos pertinentes ao tema, em novembro de 2005;

2ª fase – Coleta de dados para o referencial teórico, realizada no período de fevereiro a maio de 2006;

3ª fase – Elaboração e aplicação dos instrumentos de pesquisa, no período de março a maio de 2006;

4ª fase – Organização, análise e discussão dos dados no período de maio de 2006;

5ª fase – Redação final do trabalho de conclusão de curso, no período de maio a junho de 2006.

3.4 INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

Na pesquisa qualitativa podem ser utilizados vários instrumentos para a coleta de dados. Neste trabalho a escolha foi pela entrevista, por se adequar melhor ao objetivo da pesquisa. Registra-se a seguir a descrição do que se entende por entrevista.

3.4.1 A Entrevista

A entrevista é uma técnica que permite o relacionamento estreito entre o entrevistado e entrevistador.

Segundo Richardson (apud BARROS e LEHFELD, 2000, p. 91)

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, entre e vista. Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação de algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista se refere ao ato de perceber o realizado entre duas pessoas.

As entrevistas, segundo sua forma de operacionalização, podem ser classificadas em estruturadas e não estruturadas.

As entrevistas são estruturadas quando possuem as questões previamente formuladas, isto é, o entrevistador estabelece um roteiro prévio de perguntas, não havendo liberdade de alterar os tópicos ou fazer inclusão de questões frente às situações.

Nas entrevistas não estruturadas, o pesquisador busca conseguir, através de conversação, dados que possam ser utilizados em análise qualitativa, ou seja, os aspectos considerados mais relevantes de um problema de pesquisa.

Este trabalho utilizou a entrevista semi-estruturada, pois mesmo tendo um roteiro pré-estabelecido, pode-se adequar à situação, permitindo alterações sempre que houvesse necessidade.

Rampazzo (2002, p 109) destaca características que favorecem o uso da entrevista como instrumento de pesquisa ao afirmar que, “a entrevista que visa obter respostas válidas e informações pertinentes é uma verdadeira arte, que se aprimora com o tempo; exige habilidade e sensibilidade”.

Quando o entrevistador consegue estabelecer certa relação de confiança com o entrevistado, pode obter informações que de outra maneira talvez não fossem possíveis.

O roteiro de entrevista encontra-se no Apêndice.

3.5 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.5.1 Especificação das categorias escolhidas

Os dados da pesquisa foram organizados, analisados e discutidos nas seguintes categorias:

- O desenvolvimento da afetividade em sala de aula – atividades práticas
- Estabelecendo relações afetivas com o chamado “aluno problema”
- Contribuições da psicopedagogia nas relações afetivas em sala
- Estreitando e melhorando laços afetivos
- Outras considerações

3.5.2 Organização, análise e discussão dos dados

Foram entrevistadas quatro psicopedagogas, sendo que destas, três atuam na rede pública de ensino e uma em escola particular, todas do Distrito Federal. Elas possuem as seguintes formações acadêmicas: a primeira é pedagoga graduada em Psicologia Escolar; a segunda e a terceira são pedagogas com especialização em Psicopedagogia, e a quarta possui licenciatura em Matemática e especialização em Psicopedagogia. O tempo de atuação das participantes da pesquisa na área de psicopedagogia variou entre 4 e 12 anos.

A organização, análise e discussão dos dados coletados nesta pesquisa foram realizadas tendo em vista a escolha das categorias mencionadas no item anterior. Essa análise e discussão dos dados, nas categorias propostas, oferecerem uma leitura clara dos resultados obtidos com a pesquisa.

Sendo assim, registra-se, a seguir, a organização dos dados, nas categorias propostas, bem como sua análise e discussão.

- O desenvolvimento da afetividade em sala de aula – atividades práticas

Psicopedagogo 1 - “O primeiro passo é o professor conhecer o aluno por nome, trabalhando a identidade do aluno, percebendo-o como pessoa; isso estabelece, cria um vínculo, assim, a afetividade é desenvolvida através desse vínculo, considerando seu aluno como pessoa, trabalhando a identidade, que já é mencionada no currículo. Saber quem são seus pais, os nomes deles, em que trabalham, onde mora, mostra ao aluno o interesse do professor por ele. Eu posso

dizer que quase todas as atividades aplicadas em sala permitem esse desenvolvimento. A afetividade também tem a ver com a auto-estima; na medida que o professor trabalha a auto-estima estará desenvolvendo a afetividade. O professor deve procurar elogiar seu aluno, dar bom dia, boa tarde, perguntar como ele está, procurar observar seu humor, seus interesses, isso é, dar atenção ao seu aluno. E nas atividades pedagógicas é só o professor ficar atento. Por exemplo, no dia do livro o professor pode ser afetuoso ao trazer livros para a sala, ler com os alunos, discutir, levá-los a viver a magia da leitura. Vou dar um exemplo de bom livro a se trabalhar: tem uma história chamada “Se todas as pessoas fossem mãe”, que aborda a questão de que mãe não é só a biológica; também pode ser aquela que abraça, aconchega. O professor trabalha questões sérias com afetividade, discutindo sobre as crianças que não têm mãe presente, de forma suave, leve. Ao mesmo tempo, desenvolve um trabalho pedagógico com a compreensão textual, perguntando e levando o aluno a raciocinar sobre o que trata o livro, e por aí vai. E se o assunto é matemática, digamos que um aluno tem um material e outro não, se trabalha o dividir, o compartilhar, o somar, o agradecer. Então, você estará envolvendo a ética à questão da afetividade de forma intensa e eficaz. Certa vez eu trabalhei com uma dinâmica que tinha que abraçar e o aluno disse que não ia abraçar porque não era ‘bicha’, eu não retuquei, não o obriguei a participar. Depois, eu o chamei para conversar, expliquei o porquê da atividade, perguntei se seu pai o abraçava, ele disse que não. Perguntei, você já viu homens se abraçarem. Fiz várias perguntas, sem brigas; com respeito. Então, tudo depende da situação; você não vai sempre criar situações; deve considerar que a afetividade é algo natural, não se pode forçar ou obrigar. “Devemos procurar oportunizar momentos em que o aluno esteja disposto a receber e transmitir afeto.”

Psicopedagogo 2 – “Em primeiro lugar, o professor deve demonstrar afeto, verdadeiro e sincero. Em segundo, com conversas informais sobre o cotidiano do aluno, permitindo que fale do ‘eu’, do que mais gosta. O diálogo sobre sexualidade, namoro e outros temas mais e, no final, o registro das observações do professor para fechar o assunto, lembrando que o assunto pode ser discutido em grupo ou individualmente, ficando a critério do professor e do aluno. Pode-se desenvolver qualquer atividade que seja do interesse dele, aluno, do professor, ou

do grupo. Na sala de aula, o jogo é um veículo que coopera para a interação afetiva. Outros pontos são: contar histórias para os alunos; desenho livre onde o aluno pode se expressar sem censura; isso os ajuda a agir com entusiasmo, deixando-os à vontade, sem cobranças. Aí passa a haver produtividade na relação professor x aluno. Todo aluno quer se espelhar no seu professor. Você pode ser um excelente profissional sem ser carrasco. O professor deve sempre, aparentar otimismo, amor e ser estimulador. Transmitir mensagens de otimismo: ‘você está cada dia melhor’; elogiar o indivíduo para toda a sala; premiar o bom retorno do aluno com incentivos: pequenas lembranças, mensagens, observações; ser amigo; assim poderá cobrar e não haverá resistência”.

Psicopedagogo 3 – “Em primeiro lugar, ele tem que acreditar que a afetividade de fato interfere no processo de ensino-aprendizagem; buscando um conhecimento teórico, buscando um enriquecimento em trabalhos e experiências de sucesso nessa área, que hoje já existe um acervo enorme. Valer-se de teóricos como Wallon, que trata do olhar afetivo, do olhar que fala, que passa vários sentimentos para as crianças, do envolvimento afetivo. Na minha opinião, ele é o grande marco no estudo da afetividade; além dele, temos teóricos como Alicia Fernandes, Gabriel Challita e tantos outros. O professor deve constatar que isso é sempre o resultado de um processo de aprendizagem. Depois, acho que tem que criar esse vínculo afetivo com a criança, nas interações dentro de sala de aula. Vejo que as tendências da educação atual caminham para esse norte, a construção do vínculo afetivo dentro do ambiente escolar. Eu acredito que qualquer atividade que o professor se propuser a trabalhar, com esse intuito de valorar a afetividade, ele obterá sucesso. Para mim, a afetividade é na verdade um recurso pedagógico nas interações com produção de texto, com música, com teatro, enfim, com toda a atividade de sala de aula, mas especialmente essas que eu citei porque eu acho que essas interações deixam o professor e o aluno mais próximos um do outro. Desde o bom dia, até o dar um tchau; não é essa coisa de pegar, de viver dando beijos, de por no colo, de toque, embora isso seja realmente importante. Porém não é dessa afetividade que eu estou falando, antes, é a questão de deixar o outro se sentir bem no espaço da relação, tanto o professor como o aluno. Eu acho que o professor demonstra afeto nas suas próprias ações. Ele tem que fazer as crianças perceberem que ele confia nelas,

que ele acredita em sua capacidade de aprender, que elas são capazes de melhorar, de transformar, de contribuir com o outro. E até pelo exemplo dele das ações do professor que o aluno aprende a ser afetivo.”

Psicopedagogo 4 – “Hoje em dia é assim, se o professor quer desenvolver um bom trabalho em sala de aula, a primeira coisa que ele tem que ter é um laço afetivo com seus alunos. Qualquer conteúdo que você vai desenvolver hoje, se não buscar esse contato maior, um lado mais cúmplice com o aluno, um vínculo mais forte, fica difícil trabalhar principalmente nas áreas específicas como matemática. Sendo assim, se você não buscar criar esse vínculo fica difícil o aluno aprender e o professor ensinar. Como se pode desenvolver isso, primeiro levando o aluno a perceber que a aprendizagem ocorre desde o momento que ele acorda, em todas as suas ações ele aprende, a partir daí ele passará a ter uma visão diferente. O professor precisa fazer o aluno achar o assunto divertido, buscando levar conteúdos do interesse dos alunos, curiosidades e se desapegar de apenas transmitir o conhecimento científico, chegando ao nível do aluno. A gente tem que buscar a realidade deles, seja uma novela, uma música, uma dança. Isso cria a confiança dele dentro do conteúdo, a confiança dele com o professor e posteriormente a confiança nele mesmo, para fazer uma avaliação. Buscando a interação do aluno com o que é ensinado a aprendizagem se torna mais fácil. Outro aspecto relevante é a cooperação mútua, porém nós temos alunos muito tímidos, então para esses os jogos podem ser interessantes, porque o jogo querendo ou não é uma competição e leva o aluno a se soltar. As crianças gostam de mostrar que são capazes de vencer, que podem se sair bem. O jogo ajuda na parte de cooperação mútua, no desenvolvimento das estratégias e faz com que os relacionamentos se desenvolvam. Então, os jogos podem ajudar inicialmente. Se o professor tem por objetivo ajudar o aluno e criar um vínculo afetivo, ele deve tomar alguns cuidados. Muitas vezes a gente pode seguir um caminho e acertar ou errar. Exemplo disso, podemos pensar demais no lado afetivo e esquecer do pedagógico, então isso, pode acabar prejudicando a parte cognitiva do aluno. Ou ainda, ficar muito ligado no lado pedagógico esperando que o aluno aprenda, ficando chateado se ele não corresponde e mostrando sua decepção para o aluno, isso pode prejudicar o aluno por toda sua vida acadêmica. Tanto o trabalho com afetividade, como qualquer outro em sala de aula, está

sendo recomeçando. Às vezes quando você pensa que o aluno está aprendendo, aí surge uma nova dúvida, ou ele passa por uma dificuldade emocional e precisamos começar tudo de novo. Temos que saber dosar o lado afetivo e o cognitivo para obtermos o sucesso esperado”.

Todas as psicopedagogas destacaram a importância do professor ser afetivo, de buscar o estabelecimento de um vínculo com o aluno como meio, canal para se desenvolver a afetividade na sala de aula. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente, conforme afirma Freire (2004, p. 141):

E o que dizer, mas, sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la [...]. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade.

Outra semelhança que merece destaque nos dados coletados, foi o fato de as psicopedagogas enfatizarem a necessidade de os professores desenvolverem atividades prazerosas, que sejam do interesse dos alunos, e que digam respeito a sua realidade, como jogos, músicas, danças, novelas, histórias. O Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal (2002, p.19) traz a seguinte afirmação acerca desse aspecto:

Conforme estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais, faz-se necessário reconhecer que as aprendizagens são constituídas na interação entre os processos de conhecimento, linguagem e afetivos, como consequência das relações entre as distintas identidades dos vários participantes do contexto escolarizado, por meio de ações inter e intra-subjetivas... Portanto, não se deve esquecer que os alunos trazem conhecimentos e experiências de vida que se evidenciam nessa interação. É preciso que a Escola valorize esse conhecimento como ponto de partida para a aquisição do saber sistematizado, das competências e das habilidades que se querem desenvolvidas e dominadas.

A quarta psicopedagoga ressaltou o valor de o professor demonstrar equilíbrio e sobriedade ao trabalhar com as dimensões do desenvolvimento, ou seja, não minimizar ou desprezar nenhum dos aspectos abordados, quer o

afetivo, quer o cognitivo. Corroborando com essa idéia, Davis e Oliveira (1994, p. 83-84) abordam que:

[...] Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade, embora em proporções variáveis. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações e pelas ações dos indivíduos. O afeto pode, assim, ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar.

Seguindo esse raciocínio, torna-se claro que o afeto e a cognição são aspectos inseparáveis, que se fazem presente em qualquer atividade.

- Estabelecendo relações afetivas com o chamado “aluno problema”

Psicopedagogo 1 – “O professor deve se relacionar com o aluno fora do âmbito da sala. Eu citei fora da sala, eventualmente, porém, isso também pode ser feita dentro da sala de aula. Embora seja claro que fora de sala é mais fácil, pois comumente as salas são muito cheias, com 35 alunos. Fica difícil o professor se aproximar, dar uma atenção especial a esses alunos. Mesmo porque, quando o aluno tem um comportamento inadequado, você corre o risco de estar reforçando esse comportamento ao tentar ajudá-lo em sala. Veja só, se ele estiver carente de afeto e tentar conversar com você na sala, e você não der a atenção que ele deseja; ele começa a gritar; a fazer barulho; os outros alunos podem achar que esse é o comportamento correto. Isso deve ser analisado com cuidado. Um bom momento para trabalhar com esses alunos é na hora do recreio ou da recreação, tentando travar uma conversa mais informal e descontraída com o aluno, perguntando sobre o que ele gosta, conhecendo seus interesses. Dar uma atenção especial para ele e de forma bem afetiva, pode ajudar. Eu já vi isso acontecer na prática de uma professora que após uma conversa com a mãe, na hora da entrada ou saída, chega para o aluno e diz: ‘eu conheci sua mãe, ela é legal, gostei dela, que bom que você tem uma mãe assim.’ Com isso, o aluno passou a se sentir importante para a professora, a sentir que ela se preocupa com ele, isso faz toda a diferença, muda o aluno, seu comportamento.”

Psicopedagogo 2 – “Algumas características como a timidez, a agressividade e outras tantas geram dificuldades de se relacionar com outros. O aluno precisa adquirir confiança nos que estão ao seu redor. Convidá-lo a participar das atividades, brincadeiras, elogiá-lo sempre, tratá-lo com amabilidade sistematicamente, colocar conceitos positivos no caderno, mensagens de incentivo, sempre chamando sua atenção com otimismo. É preciso acreditar no potencial de todos os alunos. Levar os colegas de sala a apoiá-lo. Importante, também, é fazer um trabalho dirigido e diferenciado para esses alunos”.

Psicopedagogo 3 – “Eu acho que ele pode fazer atividades direcionadas para atingir esse objetivo específico, com dinâmicas, uns momentos lúdicos, onde essas crianças possam se posicionar em algumas situações. Com jogos, na recreação, em qualquer momento isso pode ser feito, mas acredito que nesses espaços, momentos, isso possa ser melhor”.

Psicopedagogo 4 – “Cada caso deve ser analisado de uma forma, por exemplo, o aluno tímido que tem a parte de socialização muito difícil. Primeiro ele tem que adquirir confiança no professor, para isso a parte de aplicação do trabalho individualizado seria bastante útil no estabelecimento dessa relação. A partir daí, se faz como uma teia de relações, primeiro com os colegas mais próximos, que sentam perto, até que ele possa se chegar àqueles mais extrovertidos que ele. Para isso ocorrer vai levar um tempo e requer equilibrar as partes. Da mesma forma que o tratamento tem que ser diferenciado, individualizado, com o aluno com problemas de comportamento. E com o que apresenta dificuldades de aprendizagem o trabalho em grupo pode ser prejudicial, pois fica visível que o aluno com dificuldade se afasta, quase não participa. Neste caso você tem que despertar nele a consciência de que precisa da ajuda do outro. Percebe-se isso até entre os professores, alguns parecem reservados demais por apresentarem dificuldades, ficando muito isolados. Com a ajuda de outro colega que vá o orientando eles até vencem essas dificuldades”.

Ao considerar a questão do estabelecimento das relações afetivas com os alunos que apresentam algum tipo de dificuldade, as respostas fornecidas pelas psicopedagogas 1, 2 e 4 se assemelharam, ao abordar a necessidade de o aluno adquirir confiança no professor, de se sentir apreciado, respeitado, amado.

Se a criança tem uma opinião positiva sobre si mesmo e sobre os outros terá maiores condições de aprender, conforme afirma Tiba (2002, p. 53):

O respeito à criança lhe ensina que ela é amada não pelo que faz e tem, mas pelo simples fato de existir. Sentindo-se amada, ela se sentira segura pra realizar seus desejos. Portanto, deixa-la tentar, errar sem ser julgada, ter seu próprio ritmo, descobrir coisas, permite à criança perceber que consegue realizar algumas conquistas. Falhar não significa uma catástrofe afetiva. Assim, a criança vai desenvolvendo a auto-estima, grande responsável por seu crescimento interno, e fortalecendo-se para ser feliz, mesmo que tenha de enfrentar contrariedades.

Outro ponto de convergência nas citações das psicopedagogas foi o fato de todas terem mencionado a importância do trabalho dirigido por parte do professor. O estabelecimento de atividades específicas voltadas para esses alunos, possibilitará um intercâmbio maior de informações e de afetos entre ele e o aluno.

A primeira participante da pesquisa fez uma interessante abordagem sobre o professor tomar cuidado, para não reforçar comportamentos inadequados nos alunos que apresentam dificuldade de comportamental. Além disso, segundo esta professora, deve-se envolver a família do aluno no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Chalitta (2001, p.165), sobre este assunto, “para que o professor desempenhe com maestria a aula [...] ele precisa, [...] acima de tudo, conhecer o aluno. Tudo o que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do professor”, inclusive, seus familiares (pais).

- Contribuições da psicopedagogia nas relações em sala de aula

Psicopedagogo 1 – “Isso é algo bastante complexo; cada professor é uma pessoa diferente. Posso dizer que o que observei ao longo de minha carreira é que quem realmente precisa não nos procura. Existem professores que permitem a ação do psicopedagogo, outros não. Esses que não aceitam nossa ajuda estão mais preocupados com o conteúdo do que com a pessoa do aluno. Eu acredito que alguns não procuram por medo mesmo. Eles pensam que ao procurar um psicopedagogo, estará passando o carimbo de incompetente, ainda existe este

preconceito. Acham, ainda, que iremos tirar sua autoridade em sala. Essas pessoas não compreendem que a gente trabalha o aluno como um todo, junto com o professor, sem tirá-lo de seu contexto. O trabalho é feito em conjunto, com a família, com a direção e com o professor”.

Psicopedagogo 2 – “São várias as situações em que se pode recorrer ao psicopedagogo. Quando a criança demonstra sintomas de problemas sociais (deficiência); traumas familiares e psicológicos; dificuldades de aprendizagem, dentre outras.”

Psicopedagogo 3 – “Eu acho que quando se esgotam todas as tentativas de resolver isso em sala mesmo. O professor tem que tentar conhecer e conversar com a família, com o professor do ano anterior, saber a história de vida do aluno. Aí se depois de conhecer e agir se ele não resolver, tem que pedir ajuda a um profissional capacitado que pode fazer um trabalho multidisciplinar para resolver o problema”.

Psicopedagogo 4 – “Bom, antes de fazer o curso de psicopedagogia eu tinha uma imensa dificuldade para poder entender o meu aluno, o que se passava com ele. Estou falando do aluno com algum problema. Eu não sabia a quem procurar, muitas vezes ficava calada deixando que o problema aumentasse, ou então, que por um passe de mágica se resolvesse. Preferia isso, a procurar uma pessoa, ficava com vergonha por não ter sabido lidar com o problema, tinha receio de ser taxada de incapaz, que não sabe dar andamento as situações. Depois eu comecei a recorrer a orientadores, expondo minhas dificuldades e pedindo ajuda. É importante lembrar que esses profissionais têm que está capacitados, com o conhecimento adequado, se não, o problema pode aumentar. Na minha opinião sempre que o professor desconhece a maneira de agir diante da dificuldade de seus alunos deve procurar um psicopedagogo. Às vezes a gente tem mania de dizer que o aluno é hiperativo sem capacitação para isso, basta o menino falar auto e não sentar. Primeiro, temos que conhecer, saber do que falamos, até porquê quando for realmente o caso saberemos como agir. Seria ideal que houvesse um psicopedagogo em cada escola. Muitas vezes falta ao professor o conhecimento científico de como lidar com o problema.”

Os aspectos em comum nos dados coletados foram dois: primeiro o medo de alguns professores de serem visto como incapazes ao procurarem ajuda

profissional e, o segundo, a necessidade de o professor fazer uma intervenção direta em sala, junto a seus alunos, para tentar compreendê-los e só então, buscar ajuda do psicopedagogo. Almeida (1999), neste sentido, salienta a necessidade de educar a sensibilidade conjuntamente com a razão.

- Estreitando e melhorando laços afetivos

Psicopedagogo 1 – “O professor deve estar preocupado com o aluno, não simplesmente com a matéria a ser ministrada; preocupar-se com o ser humano; outra sugestão é o professor mesmo ser afetivo, demonstrar essa afetividade com seus alunos e colegas de trabalho; conversas coletivas sobre o assunto também ajuda; trocar idéias e experiências com outros professores; procurar ajudar aqueles colegas que, por um motivo ou outro, não conseguem se relacionar bem; eu já observei que alguns só precisam de união e companheirismo, de um abraço, um sorriso, um bom dia; o professor muitas vezes carece de apoio para resolver suas frustrações, suas dificuldades afetivas”.

Psicopedagogo 2 – “Devemos nos lembrar que Deus fez o ser humano para se relacionar com o outro. Que só somos humanizados em interações cotidianas. Deus lhe abriu as portas para ser um professor; então é para se engajar nesta jornada e lembrar da responsabilidade de sua ação, nunca murmurando. ‘Se não é sua área, procure sua praia’.”

Psicopedagogo 3 – “Eu acho que ele tem que dinamizar melhor as aulas. As crianças gostam de aulas mais atrativas. Eles gostam de desafios, eles já estão acostumados com isso na vida diária, então isso pode ser um ganho. Temos que dar voz ao aluno, saber o que ele quer aprender, como ele quer aprender e nessa interação teremos um bom momento. Em primeiro lugar ele tem que se despojar de tendências tradicionais, para dar voz ao aluno. Isso também deve ocorrer entre os professores embora, nesse caso já deva haver intervenção da direção da escola, porque todo grupo precisa ter alguém que lidere, que planeje, que tome decisões. O professor precisa parar, se posicionar como profissional de Educação, se sensibilizar com o outro, respeitar o outro e seu espaço, gostar de trocar idéias, experiências. Lembrando que as diferenças estão aí para enriquecer. Todo os membros da escola devem trabalhar juntos.”

Psicopedagogo 4 – “Não é querendo filosofar, mas o primeiro deles é ser Professor. Se a gente tem a visão de que entrar em sala, encher um quadro e aplicar uma avaliação é ser professor, muitas vezes vamos acabar por romper de vez esses laços afetivos. Então em primeiro lugar está o ser professor, e para mim ser professor é gostar do que faço e gostar do meu aluno. Perceber o que meu aluno precisa com responsabilidade. Eu tenho 20, 30 alunos, pessoas diferentes em um mesmo lugar a sala de aula. Dar atenção diferenciada, isso vai dar trabalho? Vai, porém para conseguir o crescimento de cada um isso é necessário, cuidando de cada um como ele precisa, cuidando tanto do lado pedagógico, cognitivo, como do afetivo.”

O primeiro ponto de semelhança nos dados coletados foi a afirmação das psicopedagogas 1, 3 e 4, de que o professor necessita desapegar-se da postura tradicional de ensino, para melhorar e estabelecer laços afetivos com seus alunos. Sobre este aspecto, Freire (apud BECKER, 2003, p.16) afirma que o processo de ensino-aprendizagem, deve ser uma interação entre sujeitos que aprendem e opõe-se ao ensino entendido como transferência de conteúdos, sendo assim, este autor ressalta que:

E, por isso, repito que ensinar não é transmitir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender tem que ver com o esforço metodicamente crítico de professor de desvelar a compreensão de algo e com empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou a professora deve deflagrar. Isso não tem nada a ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade, mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência.

Nos dados coletados, destaca-se, ainda, o valor da troca de experiências e idéias entre os professores. Segundo Almeida (1999), a escola possibilita interações diversas entre parceiros, ao mesmo tempo em que proporciona situações e experiências essenciais para a construção do indivíduo como pessoa.

Ao falar a respeito de “dar voz ao aluno” a terceira psicopedagoga, referiu-se ao que Freire (apud BECKER, 2003, p. 60), denomina “diálogo em sala de aula”. O direito de dizer sua palavra, equivale ao direito de ser sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem, conforme ele expõe a seguir,

Dessa maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeito do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem.

Ainda, segundo Freire, a fala desempenha um papel constitutivo do sujeito em todas as suas dimensões: cognitivas, afetivas, éticas e estéticas.

Como curiosidade, merece destaque a interpretação religiosa dada pela segunda participante da pesquisa, ao mencionar como se deve estreitar e melhorar os laços afetivos em sala de aula.

• Outras considerações

Psicopedagogo 1 – “Ao longo de minha carreira observei que as escolas de modo geral, mas, sobretudo, as das séries iniciais, são bem maternalista. O que ajudaria em minha opinião é aumentar o número de professores ‘homens’, nessas escolas. A vida é feita de homens e mulheres e as escolas desvirtuam essa realidade, o que vem tornando os alunos preconceituosos; já ouvi alunos dizendo ‘ser professora é coisa de mulherzinha’. Além disso, o professor pode preencher uma enorme carência que a atual desestruturação das famílias vem causando. O professor passa a representar a figura masculina que está faltando. Claramente, o professor (homem) exerce um papel fundamental na construção da afetividade.”

Psicopedagogo 2 – “A afetividade pode ser trabalhada no coletivo, valendo-se de temas como: a auto-imagem, a auto-aceitação. É fundamental a valorização da família e o debate coletivo sobre as incapacidades, as falhas, a dor, o medo. Devemos lembrar que ‘educar é muito mais que traçar planos, estabelecer modelos ou criar paradigmas. Educar é realmente ter fé em poder mudar’ (MOSQUERA, Juan). A criança sabe quando se fala com sinceridade.”

Psicopedagogo 3 – “Particularmente, como já estou nessa função à alguns anos, uma das minhas metas era justamente de mudar a ‘cara da escola’. Fazer os alunos se expressarem, deixarem de ter medo de professor ou direção. Eu via que muitos professores só se preocupavam com o cognitivo, eu busquei mudar isso. Tive que vencer a resistência de alguns e com o tempo o cenário foi

mudando. Hoje eu já sinto, que com muito trabalho, um pouco de insistência e estudo científico, que mostram os resultados quando você muda sua postura, quando você acredita que a afetividade já faz parte da aprendizagem, a coisa acontece. O que se vê hoje, é que o professor que insiste em não trabalhar assim, não tem alcançado o resultado esperado. Eu diria mesmo, que é muito mais importante trabalhar primeiro o lado afetivo do que o cognitivo. As crianças e os professores que apresentam problemas com a afetividade, não chegam ao objetivo desejado. Quando a pessoa está segura com a auto-estima elevada é mais fácil trabalhar o cognitivo. Eu acredito que esse é o caminho, o percurso para se chegar a uma aprendizagem significativa.”

Psicopedagogo 4 – “Olha eu acho que primeiro se deve pensar muito antes de taxar um aluno em sala. Se seu aluno apresenta problemas afetivos, seja de relacionamento ou outro, você tem que se chegar a ele e não afastá-lo. Tente resolver, não apenas falar ‘esse aluno não tem jeito’. Assumir seu trabalho docente, vê o aluno como pessoa, esse é o caminho. Busque ajuda se julgar necessário. Não desista de seu aluno. Eu acredito que a responsabilidade do profissional de educação é essa, fazer sua parte, trabalhando o lado cognitivo e aflorando o lado afetivo do aluno. Os alunos com problemas sempre apresentam dificuldades afetivas, seja de relacionamento, seja de identidade, tão comum nas crianças de hoje, precisamos ajudar, para que nossos alunos sejam cidadãos mais saudáveis.”

Curiosamente, a primeira participante da pesquisa fez considerações à respeito do pequeno número de homens nas escolas das séries iniciais. Segundo ela, uma mudança neste tipo de comportamento, facilitaria o desenvolvimento da afetividade entre os alunos.

De forma significativa, as participantes, também abordaram sobre o direcionamento para um trabalho envolvendo a auto-estima e a auto-aceitação entre os alunos.

Conforme mencionou a quarta psicopedagoga, o professor precisa ajudar seu aluno a ser um cidadão saudável. Para tanto, conforme afirma Becker (2003) é preciso estimular, inspirar; essa é a grande arte de quem pretende ensinar; sendo assim, é preciso adivinhar aquilo que realmente interessa, ler a mente infantil como quem interpreta uma partitura musical.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, com toda sua pesquisa, veio confirmar que a afetividade faz parte do processo de aprender e do desenvolvimento humano; por isso, não há aprendizagem sem afetividade. Enfim, acredita-se que o conhecimento dos sentimentos e das emoções requer ações cognitivas, da mesma forma que as ações cognitivas pressupõem a presença de aspectos afetivos. É nesta inter-relação que o ser humano se concebe e se sente como essencialmente humano, motivando-se para a vida. Assim como a organização de nossos pensamentos influencia nossos sentimentos, o sentir também configura nossa forma de pensar. Acreditamos que pensar e sentir são ações indissociáveis.

Ao refletir sobre o papel da afetividade na aprendizagem escolar, verificou-se que são muitos os fatores ligados à relação professor-aluno. Na condição de educador, é preciso estar atento ao fator de que, enquanto não se der atenção ao fator afetivo nesta relação, corre-se o risco de se estar só trabalhando com a construção do real, do conhecimento, deixando de lado a constituição do próprio sujeito, que envolve valores e o próprio caráter, necessários para o desenvolvimento integral do educando.

Apreendeu-se desta pesquisa que o ser afetivo não é simplesmente, a “troca de carinhos” ou “toques do professor para com seu aluno”; esse conceito vai além disso; o professor precisa compreender como se dá o desenvolvimento do seu aluno; como se estabelece o vínculo afetivo nas próprias atividades pedagógicas. Afetividade no ambiente escolar é se preocupar com os alunos, é reconhecê-los como indivíduos autônomos, com uma experiência de vida diferente da sua, com direito a ter preferências e desejos, nem sempre iguais ao do professor, e que devem ser respeitados.

É fundamental que o professor busque o conhecimento teórico para auxiliar sua prática envolvendo a afetividade. Dentre as sugestões oferecidas pela presente pesquisa, encontramos o trabalho com jogos, teatro, diálogos em sala, músicas e histórias, atividades que facilitam o desenvolvimento cognitivo, bem como a construção da auto-estima do educando.

Percebeu-se que muitos professores não compreendem, ou mesmo, sentem-se ameaçados quanto a sua competência em ensinar, quando enfrentam dificuldades com seu alunos. Buscar ajuda de profissionais habilitados, como psicopedagogos, pode significar para os mesmos, atestar seu fracasso. Cabe à instituição educacional a tarefa de trabalhar esse aspecto com seus educadores, fornecendo-lhes ajuda nas coordenações coletivas, com troca de experiência e apoiando a busca de possíveis soluções.

Em nível de sugestão, aconselha-se às Secretarias de Educação dos Estados, a contratação de profissionais habilitados como psicopedagogos e orientadores educacionais para cada instituição educacional. Acredita-se que esses profissionais contribuirão de forma significativa com o trabalho dos educadores e educandos, principalmente nas questões que envolvam aspectos relacionados à afetividade e à construção do sujeito.

Concretizar tudo isso não é fácil. Muitas vezes, é necessário a mudança de concepção educativa por parte do próprio professor: ver o aluno como um sujeito social com direitos e deveres. O professor precisa saber buscar, agir e refletir, ensinar e aprender, construindo uma relação interativa com o aluno. É importante, neste aspecto, ressaltar o que nos diz Morales (1999, p. 13):

Somos profissionais do ensino, nossa tarefa é ajudar os alunos em seu aprendizado; buscamos seu êxito e não seu fracasso, e a qualidade de nossa relação com os alunos pode ser determinante para conseguir nosso objetivo profissional.

Por isso é imprescindível para o sucesso da educação uma prática pautada na afetividade, possibilitando que a construção do conhecimento seja realmente a ação de um sujeito seguro, que expressa sua voz.

REFERÊNCIAS

Afetividade. In FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira Barros, LEHFELD, Neide Aparecida de Sousa. **Fundamentos de Metodologia**. 2 ed. São Paulo, Markron Books, 2000.

BECKER, Fernando. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRENELLI, Rosely Palermo, SISTO, Fermino Fernandes, **Leitura de psicologia para a formação de professores**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

CODO, Wanderley (coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na Educação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

Emoção. In FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal. In: NEVES, Luiz O. da J. et. Al. (org) Brasília, 2002.

WALLON, Henri. **A Evolução Psicológica da Criança**. Portugal: Edições 70, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

LUCK, Heloisa Carneiro. **Desenvolvimento afetivo na escola**. Promoção medida e avaliações. 2. ed. Petrópolis:1985.

MAHONEY, Abigail Alvarega et al. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004.

MORALES, Pedro. **A relação professor – aluno**. São Paulo: Loyola, 1999.

MOREIRA, Maria Teresa Marques. **Afetividade**. Disponível em <<http://www.bolsademulher.com.br>>. Acesso em: 02 maio 2006.

PIAGET, Jean. **Os pensadores**. São Paulo: Abril. 1983.

_____ **Inteligência e Afetividade**. São Paulo: Abril. 2001.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica** – para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: Loyola, 2002.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e inteligência** – A emoção na Educação. Vol. 1, DP&A, 1997.

TAILLE, Ives de La; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky** – Wallon, teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo; Sumus editorial: 1992.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa!** Coleção Integração Relacional. São Paulo. Gente, 2002

VEIGA, Marlene Teresinha Zanotto e WEIDUSCHAT, Iris. **Leonardo Pós**. Blumenau SC. V. 2, n. 6, p. 6, junho / setembro 2004. Artigo: A afetividade no processo ensino-aprendizagem.

WADSWORTH, Barry. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. 5. ed. São Paulo: Pioneira da Educação, 1997.

APÊNDICE

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE

CURSO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

Nome da entrevistadora: _____

Data: ____/____/2006

Roteiro sobre o tema CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NA INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA

Dados de identificação:

- Local de trabalho: _____
- Sexo: _____
- Área de atuação: _____
- Formação acadêmica: _____
- Tempo de experiência na área que está atuando: _____

Questões:

1. Como o professor pode desenvolver a afetividade em sala de aula?
2. Quais as atividades que contribuem para o desenvolvimento das relações afetivas entre alunos e professor?
3. O que o professor pode fazer para estabelecer relações afetivas com alunos tímidos, muito agitados ou com problemas de aprendizagem?
4. Tendo em vista que a escola é um dos espaços legítimos para a construção da afetividade, de que maneira o professor pode influenciar nessa construção?
5. Quando o professor deve recorrer ao psicopedagogo para o estabelecimento das relações afetivas?
6. Que sugestões você daria para os professores melhorarem e estreitarem os laços afetivos durante sua ação docente?
7. Você tem mais alguma consideração a fazer sobre o tema?